

Gangues infantis loteiam as ruas da cidade

■ Grupos da Zona Sul e Centro são mais violentos e afirmam que bandos da Zona Norte e subúrbio são formados por mendigos

VERA ARAÚJO

A cidade foi loteada pelas crianças e adolescentes que vivem nas ruas. A rivalidade entre elas chegou ao ponto de estarem organizadas como gangues que defendem com unhas e dentes territórios e hábitos. Como os que vivem no subúrbio preferem pedir mais a roubar, são classificados pelos garotos da Zona Sul e do Centro como "mendigos de rua". "Nosso negócio aqui é roubar para fumar e cheirar. Somos os bandidos. O pessoal de Madureira e Marechal Hermes é mendigo de rua", explicou A.S.P., o *Porquinho*, um dos poucos que ainda consegue viver na Candelária, o território mais disputado entre as gangues.

A chacina da Candelária, em 23 de julho do ano passado, foi o marco da ruptura e da rivalidade entre os meninos. "A gente morava na Candelária, mas havia um pessoal muito violento. As pessoas que não se adaptavam saíram de lá, como nós", contou V.D.A., de 22 anos, de Madureira. Apesar de maior, ele pediu para não ser identificado com medo de represálias dos rivais.

Mortes — "Ainda consigo conversar com os garotos das outras gangues. Mas a coisa tá feia. Tem menino matando menino. Continua valendo a lei do mais forte", denunciou V.D.A., que lidera o grupo de 68 crianças e adolescentes que dorme sob o Viaduto Negrão de Lima, em Madureira. Segundo ele, os meninos da área do Centro (Candelária, Central e Cinelândia) são mais violentos do que os do subúrbio (Madureira, Marechal Hermes, Méier, Vila Valqueire e Cascadura).

A divisão geográfica da cidade e a diferença dos hábitos dos meninos também foram identificadas pela educadora e coordena-

dora do Projeto Espaço Flor do Amanhã, Lígia Costa Leite. "Até a forma deles cuidarem dos filhos que nascem na rua é diferente. As meninas de Madureira, por exemplo, são bastante carinhosas com os filhos", exemplificou.

Esse é o caso de A.S., de 15 anos, que passeava com Roberto, de apenas 1 mês, nos braços, agasalhado com um macacão de lã bem limpo e passado, no terminal rodoviário de Madureira. "Nessas noites frias, eu enrolo o cobertor nele para que não sinta frio. Quando suja a roupa, lavo na casa da minha irmã ou no banheiro do shopping", contou a menina, enquanto acariciava a cabeça de Roberto. O pai do menino, H.S., de 16 anos, que já viveu na Candelária, confirmou o crescimento da violência dos garotos que ficaram no Centro. "A gente era tudo amigo. Agora, eles só querem saber de roubar e matar", contou.

Pedidos — V.D.A., o líder dos meninos de Madureira classifica os garotos do Centro como "relaxados" — não cuidam da aparência —, violentos, consumidores de drogas e preconceituosos. Eles se tratam por apelidos. "Não somos santos. Tem alguns do nosso grupo que roubam. Mas temos consciência de que os trabalhadores que passam aqui sofrem mais para ter as coisas. Por isso, preferimos pedir", explicou V.D.A.. Às vezes, nem é preciso fazer o pedido. Ontem, uma senhora chegou a oferecer roupas para o bebê de A.S., por livre e espontânea vontade.

Os meninos da Candelária fazem questão de mostrar que são realmente violentos. "Só dou entrevista se me der R\$ 10,00. Se tirar foto minha sem pagar, roubo a máquina", ameaçou L.S., o *Bombom*, de 14 anos, também desafiando o soldado Pinto, da Polícia Militar, que cuidava do trânsito na esquina das avenidas Presidente Vargas com Rio Branco.



Debaixo do Viaduto Negrão de Lima, em Madureira, os jovens de uma gangue cheiram cola, enquanto as meninas lavam roupas no meio da rua

Parentes de vítimas convocam políticos

Representantes de entidades da sociedade civil e parentes das vítimas da violência marcaram uma reunião, ainda esta semana, para discutir a criação de uma *carta-compromisso* a ser entregue aos candidatos das próximas eleições. O movimento contra a violência — que ganhou força depois do assassinato do estudante Sérgio Augusto Travassos de Figueiredo, de 21 anos, no Mirante do Leblon — quer que os políticos se comprome-

tam, através do documento, a realizar ações efetivas para combater o problema.

A reunião já conta com a presença confirmada da irmã de Sérgio, a estudante Solange Travassos de Figueiredo, da escritora Glória Perez, do coordenador do movimento Viva Rio, Rubens César Fernandes, da presidente da Associação dos Familiares das Vítimas da Violência, Vera Regina Dias

Carneiro, e de representantes das *Mães de Acari*. Segundo Solange Travassos, os pontos-chaves do documento serão a questão do desarmamento da população e investimentos em saúde, educação, segurança pública e no sistema penitenciário.

"Destas vezes faremos uma manifestação constante. Não podemos deixar que a idéia de que o movimento não vai dar em nada nos acomode", declarou Solange. Se-

guindo essa idéia, os integrantes do movimento decidiram também realizar protestos todos os domingos para chamar a atenção da sociedade para o problema. A próxima manifestação será uma caminhada no próximo domingo promovida pela CAL (Comunidade do Alto Leblon), às 10h, pela Orla Marítima da Zona Sul. "Vamos botar todo mundo na rua vestido de branco para pedir paz", convocou Solange.

Justiça deixa camelô trabalhar em Ipanema

A prefeitura perdeu o primeiro round na luta com os camelôs que ocupam aos domingos a calçada da Rua Visconde de Pirajá, entre a Teixeira de Melo e Vinícius de Moraes. A Associação dos Ambulantes da Feira de Artesanato de Ipanema — uma espécie de anexo da tradicional feira hippie — ganhou uma liminar da juíza da 36ª Vara Cível, Jane de Lacerda Lomba, que garante aos camelôs o direito de montar barracas nesse trecho. A fiscalização do município teve que cancelar ontem a operação de retirada da feira, marcada há 15 dias. Acompanhado de 60 homens da Guarda Municipal, o coordenador de Fiscalização e Licenciamento da prefeitura, Rui César Fernandes, chegou a Ipanema por volta das 7h, disposto a impedir a montagem das barracas. Ao receber cópia da liminar, ele suspendeu a blitz, mas anunciou que vai acionar a Procuradoria Geral para recorrer da decisão.

A presença dos camelôs é motivo de reclamação de moradores daquele trecho de Ipanema, que se sentem impedidos de caminhar

na calçada. Segundo Rui César, a intenção da prefeitura é suspender a feira para fazer um recadastramento dos ambulantes.

Os camelôs alegam que a lei municipal 1.876/92, assinada pelo prefeito Marcello Alencar, lhes dá o direito de montar as barracas a 200 metros da feira hippie. E os ambulantes contam essa distância a partir do início da praça General Osório (na Rua Jangadeiros). "Vamos continuar lutando pelos nossos direitos", afirmou Antônio Ferrari, diretor da Associação dos Trabalhadores Ambulantes da Feira de Artesanato de Ipanema (Atai).

Ontem, com a chegada dos fiscais e da Guarda Municipal, o clima chegou a ficar tenso entre os ambulantes. A feira só começou a funcionar por volta das 9h30. Por volta das 11h30, Rui César voltou ao local da feira e chamou a atenção de uma ambulante que usava uma barraca de proporções irregulares na calçada e só vendia produtos industrializados. Ela reagiu e teve as mercadorias apreendidas.



Ambulantes conseguiram montar regularmente as barracas ontem no 'anexo' da Feira Hippie, em Ipanema

Projeto para o Leblon é rejeitado

A transformação dos primeiros quarteirões da Rua Dias Ferreira, no Leblon, em área de pedestres, não conta com apoio unânime dos moradores e comerciantes da região. Previsto no projeto *Rio Cidade*, o fechamento do trecho entre a Praça Cazuza e a Rua Aristides Espinola, está sendo rejeitado por vários moradores e, principalmente, comerciantes que não atuam no ramo de restaurantes. Eles estão fazendo um abaixo-assinado para entregar na prefeitura pedindo que a obra não seja realizada.

"É um absurdo fechar uma rua assim. Vai atrapalhar tudo", reclama José Kader, dono da Mercadoria Martinho, que já assinou o abaixo-assinado. Já a síndica do edifício 90, Maria Aparecida Soares Lima, que também assinou a lista, teme que o novo calçadão se transforme num *camelódromo* ou ponto de mendigos. As mudanças programadas para o Leblon foram projetadas pelo escritório do arquiteto Índio da Costa.

TABELA DE PREÇOS PARA AVISOS RELIGIOSOS E FÚNEBRES

LARGURA	ALTURA	R\$		LARGURA	ALTURA	R\$	
		DIAS ÚTEIS	DOMINGOS			DIAS ÚTEIS	DOMINGOS
5,1 cm	3 cm	63,39	87,21	10,7 cm	6 cm	253,56	348,84
5,1 cm	4 cm	84,52	116,28	10,7 cm	7 cm	295,82	406,98
5,1 cm	5 cm	105,65	145,35	10,7 cm	8 cm	338,08	465,12
10,7 cm	3 cm	126,78	174,35	16,3 cm	4 cm	253,56	348,84
10,7 cm	4 cm	169,04	232,56	16,3 cm	5 cm	316,95	436,05
10,7 cm	5 cm	211,30	290,70	16,3 cm	6 cm	380,34	523,26

DEMAIS FORMATOS, CONSULTE-NOS

JORNAL DO BRASIL

DIA ÚTIL: até 10 cm R\$ 21,13 o cm
DOMINGO: até 10 cm R\$ 29,07 o cm

YANNIE FONTENELLE OLIVEIRA

MISSA DE RESSURREIÇÃO

Ruth Fontenelle Macedo, filhos e netos convidam parentes e amigos para a missa em intenção de sua querida e saudosa irmã e tia (falecida em Fortaleza), a ser realizada hoje, dia 18, às 17:30 horas, na Igreja N. S. do Rosário, na Rua General Ribeiro da Costa, 164 - Leme.

WALDO CHAGAS NOGUEIRA

MISSA DE 1 ANO

Esposa, filhos, nora e netos convidam para missa de 1 ano a ser celebrada no dia 19 às 10 horas da manhã na Paróquia Santa Mônica, Leblon.

RUBEM DAS DORES JUNIOR

(1 ANO DE SAUDADE)

A família convida para a Missa em sua Memória, às 11:00 horas, do dia 19 de julho, na Igreja de São José, à Av. Presidente Antonio Carlos.